

A importância da arte e da literatura para a construção da história da cidade brasileira

SOLANGE DE ARAGÃO*

Como atividade ligada desde as mais remotas origens (...) à burguesia, a arte aparece como uma atividade tipicamente urbana. E não apenas inerente, mas constitutiva da cidade, que, de fato, foi considerada durante muito tempo (...) a obra de arte por antonomásia. (ARGAN, 1998: 43)

A análise da planta de uma cidade como o Rio de Janeiro, por exemplo, em fins do setecentos e princípios do oitocentos, revela o desenho de suas quadras, o traçado de suas ruas, a existência de praças e largos, eventualmente a forma de implantação das construções no interior das quadras, a existência de vazios no interior dos lotes, a topografia acidentada, os morros, a proximidade do mar. Trata-se de um desenho técnico que permite a visualização da conformação do espaço urbano em seus aspectos construtivos, no modo como estão distribuídos e organizados seus edifícios e seus espaços livres de edificação.

A leitura dos relatórios oficiais possibilita o conhecimento de todas as modificações – desde as mais simples até as mais complexas – propostas para o espaço urbano e se foram ou não efetivadas em determinado momento. Assim, o calçamento das ruas, o conserto de uma fonte, a implantação de um chafariz, a construção de uma ponte, a distribuição de postes de iluminação pelas ruas da cidade podem ser datadas e mesmo analisadas em seus aspectos técnicos e orçamentários a partir dessa leitura.

O estudo de textos que tratam da história da cidade, mesmo segundo uma cronologia de fatos e acontecimentos, possibilita o conhecimento de sua data de fundação, das mudanças de categoria, de eventos importantes e de dados que demonstram muitas vezes como se deu o processo de crescimento e expansão do espaço urbano, além das personalidades históricas que participaram desse processo. Em relação ao Rio de Janeiro

* Arquiteta, Urbanista, Mestre e Doutora pela FAU-USP, com pós-doutorado pela FFLCH-USP (Departamento de História / Supervisora: Profa. Dra. Raquel Glezer / Bolsa FAPESP). Pós-doutoranda pela FAU-USP, inicialmente com supervisão do Prof. Dr. Murillo Marx e atualmente com supervisão do Prof. Dr. Euler Sandeville Júnior. Bolsista de Pós-Doutorado Júnior do CNPq (O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil).

talvez um dos textos mais empregados nesse sentido seja *História da cidade do Rio de Janeiro* (1928), escrito por Max Fleiuss, e citado por vários outros autores e historiadores que se propuseram a escrever a história dessa cidade. Fleiuss começa tratando da fundação da cidade, em 1565, e de sua ocupação inicial, e prossegue com o registro das modificações que se processaram ao se tornar a cidade sede da administração do Vice-Reino (a partir de 1763) e sede do Reino (a partir de 1808). O autor aborda o crescimento populacional ao longo do século XVIII, as freguesias existentes na passagem do século XVIII para o século XIX, as características do arruamento, das construções e dos bairros nesse período, as grandes transformações da paisagem e do espaço urbano com a chegada da Família Real (a criação da Fábrica de Pólvora, da Impressão Régia, do Banco do Brasil, da Biblioteca Nacional, da Academia de Belas Artes, do Jardim Botânico, do Real Teatro de São João, entre tantas outras instituições e espaços construídos que se estabeleceram nesse momento). Até mesmo a abertura de ruas nos terrenos das grandes chácaras existentes é mencionada por Fleiuss. As alterações do Rio de Janeiro sob o governo de D. Pedro II e sob o regime republicano são, da mesma forma, perscrutadas pelo autor.

Os arrabaldes da cidade foram também objeto de grandes cuidados, no antigo regime.

O Cosme Velho (...) teve várias estradas abertas ou melhoradas (...).

O Corcovado, além da estrada de ferro, teve o caminho que vai até as Paineiras.

Botafogo foi dotado de várias ruas. (FLEIUSS, 1928: 219)

A própria análise dos anúncios de casas publicados em jornais é bastante reveladora do ponto de vista histórico. Mostra as características internas e externas das construções no espaço urbano e alguns dos elementos das edificações e de seus espaços livres em determinado período e, ainda, em alguns casos, evidencia aspectos da sociedade de então:

Aluga-se huma caza de vivenda n.4, no caminho novo do Botafogo, com cocheira, estrebaria e caza para escravos, tudo em boa ordem; tambem o jardim que está bem plantado com Laranjeiras; e as terras adjacentes que já dão capim bastante a sustentar trez, ou quatro bestas ao pé das cazas; ha agoa boa para qualquer uzo, quem a pertender dirija-se a rua das Viollas (...). (Diário do Rio de Janeiro, 07.01.1822)

Todo esse material, como vários outros documentos de caráter histórico, é de suma importância para a construção da história da cidade. Mas a arte, assim como a literatura, fornece novos subsídios para a construção dessa história.

Tomemos como exemplo a aquarela de Thomas Ender que retrata o Panorama da Cidade do Rio de Janeiro. A análise dessa aquarela demonstra, em primeiro lugar, a horizontalidade da paisagem urbana, considerada em seu conjunto, com o destaque apenas de algumas torres de igreja; demonstra também a relação entre essas construções, as torres das igrejas e os morros na paisagem – os elementos naturais que circundam as construções e limitam seu espraiamento; essa mesma aquarela evidencia a imensidão do céu nessa paisagem conformada por elementos naturais e construídos – a área de céu chega a ocupar praticamente dois terços da obra; no primeiro plano, à direita do observador, o artista retrata palmeiras em grande destaque, as quais tanto servem de moldura à paisagem urbana, como se tornam expressões de sua tropicalidade. Ora, as plantas da cidade do Rio de Janeiro desse período não expressam de modo tão evidente (se o expressam de alguma forma) essa tropicalidade na exuberância de palmeiras e bananeiras distribuídas pelo espaço urbano. Esses elementos aparecem na paisagem e são retratados pelo pintor, por meio do olhar do artista, e por vezes intencionalmente, para deixar claro ao observador, desde o primeiro relance, que se trata de um lugar, de uma paisagem tropical. A existência de palmeiras e bananeiras no espaço urbano do Rio de Janeiro é mencionada em vários relatos de viagem e, eventualmente, em documentos oficiais, mas a relação que se estabelece entre esses elementos e os espaços construídos na paisagem é registrada, nesse período histórico em particular, pelos pintores viajantes. Ainda no primeiro plano, o pintor retrata o trabalho, as conversas, o cotidiano de escravos negros, que mesmo que não estivessem ali no momento da elaboração da obra, eram parte da vida da cidade. Nessa obra, Ender registra o vestuário desses escravos, o modo como levavam cestos à cabeça, o modo como interagiam entre si e com aqueles a quem estavam subordinados, sua postura ao caminhar. A presença desses elementos humaniza definitivamente a paisagem das casas e das igrejas ao longe e, por outro lado, dá ênfase ao sistema de trabalho escravo que ainda dominava o país – e suas paisagens. O emprego e a disposição desses elementos humanos servem ainda para dar ao observador uma noção da grandeza da vegetação tropical, assim como de outros elementos da paisagem, e uma noção também do uso do espaço urbano – ou urbanizado.

Na segunda metade do século XIX, a fotografia substituiu o papel de registro das pinturas, gravuras e desenhos. Ainda que em preto-e-branco nesse período, a fotografia registra com precisão os detalhes arquitetônicos das construções – o tipo de telha e de cobertura, a verga das portas e janelas, a varanda nas fachadas, os frisos, o emprego remanescente de rótulas ou a difusão das janelas de vidro; demonstra espacialmente a relação entre uma construção e outra, entre as construções e a rua, entre as construções, os homens e a rua na paisagem; mostra como era de fato o calçamento dessas ruas – cuja proposta de execução aparece nos documentos oficiais –, denunciando sua qualidade ou precariedade.

A fotografia no Brasil na segunda metade do século XIX retrata paisagens urbanas mais horizontais ou relativamente verticalizadas nos seus sobrados de quatro ou cinco pavimentos, com as construções subindo e descendo ladeiras, ou relativamente alinhadas ao longo dos rios; documenta a presença da vegetação no espaço urbano e a relação exata entre as construções e os elementos naturais na paisagem.

A comparação ou contraposição dessas imagens com aquelas produzidas pelos viajantes em princípios do oitocentos pode fornecer dados importantes sobre o processo de transformação de nossas paisagens urbanas, bem como sobre as mudanças de uso do espaço, contribuindo, desse modo, para a construção da história da cidade brasileira.

Marc Ferrez também registrou panoramas do Rio de Janeiro, como Thomas Ender, mas o fez por meio da fotografia. Na imagem que mostra a cidade a partir de Santa Teresa, as construções, por volta de 1885, ainda conformavam uma paisagem urbana predominantemente horizontal, não obstante a existência de alguns sobrados mais altos que se destacavam no conjunto – como se destacavam também, mesmo em fins do oitocentos, algumas torres de igreja. Essas construções aparecem aconchegadas entre os morros e por eles ainda de certa forma delimitadas. Ao fundo, outros morros, o céu e o mar completam a paisagem humanizada. O próprio fotógrafo aparece nesta imagem e serve de escala humana para o observador da paisagem carioca. Uma observação mais detalhada evidencia influências neoclássicas e ecléticas nas construções retratadas. Essa informação visual denota, do ponto de vista social, a materialização, no espaço urbano, da intenção de se esquecer o passado colonial, bem como a materialização do processo de re-europeização (ou da influência européia marcante no século XIX sobre a

sociedade brasileira) e da mudança de gosto que levou inclusive a modificações nos padrões construtivos.

Seria possível analisar essas alterações na fachada das construções, caso a caso, se tivéssemos o registro de suas plantas, cortes e fachadas do período colonial e, posteriormente, esses mesmos desenhos técnicos, com os respectivos acréscimos e alterações. No caso brasileiro, entretanto, considerando-se o período em questão, infelizmente não dispomos desse material, mas ainda que dispuséssemos dele, essa visão do conjunto, de como as casas alteradas se apresentam na paisagem como um todo só é possível, em relação a esse período, por meio da fotografia (com maior precisão e exatidão) e da pintura (de modo mais pessoal, mas possibilitando a visualização de outros aspectos como a cor das construções). Só é possível, portanto, pelo olhar do artista, por meio da leitura e análise de sua produção.

E a literatura? Em que medida pode contribuir para a construção da história da cidade? Um romance pode apresentar “referências a lugares, modas, usos; manifestações de atitudes de grupo ou de classe; expressão de um conceito de vida” (CANDIDO, 2000: 7). Possui dimensões sociais evidentes e “repousa sobre condições sociais” (CANDIDO, 2000: 7). Um poema pode evocar uma cidade. Uma crônica pode tratar do espaço urbano, de aspectos importantes do cotidiano da cidade. Se pudermos considerar também os relatos de viagem e as memórias em toda sua literalidade, a importância da literatura se amplia ainda mais na construção da história urbana.

No caso do Rio de Janeiro, no período mencionado, é possível lembrar dos romances de José de Alencar, dos romances e crônicas de Machado de Assis e Joaquim Manuel de Macedo, dos relatos de Maria Graham, de Saint-Hilaire, de Rugendas, de Spix e Martius, e de tantos outros textos em que a cidade aparece descrita, retratada e evocada.

Vestida de festa e toda adereçada na tarde de 8 de março de 1808 para assistir à entrada da família real portuguesa na cidade do Rio de Janeiro, a Rua do Ouvidor ficou todavia no canto ou nos cantos.

O Príncipe Regente D. João e a família real desembarcaram no cais do Largo do Paço, atravessaram esta praça, seguiram pela Rua Direita, e tomaram pela do Rosário (...).

Numerosíssimo concurso oficial e popular precedia e acompanhava ao príncipe regente e à família real transmigrantes de Lisboa; multidão imensa estacionava, movia-se, ou precipitava se curiosa e entusiasmada, e a Rua do

Ouvidor ante-murada por enchentes de povo nas duas entradas que abre para a Rua Direita teve de ficar nesses dois cantos durante a festiva passagem, e tão no canto se achou, que nenhum dos príncipes indiciou ter idéia da sua existência, voltando para ela os olhos. Todos eles imitando D. João somente demoraram os passos, contemplando a bela igreja da Santa Cruz dos Militares. (MACEDO, 1878)

As ruas (Direita, do Ouvidor, da Assembléia, do Ourives), as praças, os jardins, o Passeio Público, as casas, as construções, a vegetação, os morros e o mar são figuras ou imagens freqüentes nesses textos como elementos que compõem e caracterizam a paisagem urbana do Rio de Janeiro.

Vim. Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova. Não era efeito da minha pátria política; era-o do lugar da infância, a rua, a torre, o chafariz da esquina, a mulher de mantilha, o preto do ganho, as coisas e cenas da meninice, buriladas na memória. (ASSIS, 1997: 544)

Mais uma vez, a contraposição da produção de princípios do oitocentos – incluindo os relatos de viagem – e dos textos de meados e de fins do século XIX evidencia não apenas o processo de transformação da paisagem, como as mudanças nos gostos, nos usos e costumes da sociedade brasileira.

E mencionamos apenas uma cidade. Há pinturas, fotografias, desenhos, gravuras e textos literários que revelam e caracterizam várias outras cidades e vilas do período: Vila Rica, Recife, Salvador, São Paulo, Belém, Santarém, Goiás Velho, Cuiabá, entre tantas outras que poderiam ser citadas.

Esta manhã, ao raiar da aurora, meus olhos abriram-se diante de um dos mais belos espetáculos que jamais contemplei. Uma cidade, magnífica de aspecto, vista do mar, está colocada ao longo da cumeeira e na declividade de uma alta e íngreme montanha. Uma vegetação riquíssima surge entremeada com as claras construções e além da cidade estende-se até o extremo da terra, onde ficam a pitoresca igreja e o convento de Santo Antônio da Barra. Aqui e ali o solo vermelho vivo harmoniza-se com o telhado das casas. O pitoresco dos fortes, o movimento do embarque, os morros que se esfumam a distância, e a própria forma da baía, com suas

ilhas e promontórios, tudo completa um panorama encantador. (GRAHAM, 1990: 164. Chegada a Salvador)

Mas a cidade brasileira não aparece na arte e na literatura somente a partir do século XIX. Frans Post retrata Olinda e Recife no século XVII. Gregório de Matos escreve sobre o “viver baiano seiscentista”, registrando em versos características da sua Bahia - que aparece também em “Marília de Dirceu” (1792), de Tomás Antônio Gonzaga:

*Pintam que os mares sulco da Bahia,
Onde passei a flor da minha idade;
Que descubro as palmeiras, e em dois bairros
Partida a grã cidade.* (GONZAGA, 1792)

Assim também Vila Rica aparece em poema da Cláudio Manuel da Costa escrito no século XVIII e Olinda, em Prosopopéia (1601), de Bento Teixeira.

É, contudo, no século XIX, depois da chegada da Família Real (em 1808) e da abertura dos portos às nações amigas, que temos um número muito mais expressivo de artistas visitando o país e de artistas e literatos retratando a cidade brasileira em suas obras. É desse mesmo período a criação da Academia Imperial de Belas Artes, que possibilitaria a formação acadêmica de artistas brasileiros em território nacional; como são do século XIX a valorização do trabalho artístico (efetivada definitivamente após o fim do trabalho escravo), e a autorização para a instalação de tipografias no país, que tornaria possível a publicação e difusão não apenas de livros e jornais, como também de gravuras e desenhos. Isto para não falar na valorização da cultura européia, que atribuía grande valor à arte e à literatura.

É, portanto, a partir do século XIX que a cidade brasileira passa a ser retratada com maior frequência na arte e na literatura – exatamente no momento em que se constata um aumento significativo na produção artística e literária nacional. A partir da República e cada vez mais, a cidade passa a ocupar um papel expressivo na produção artística, inclusive na música se pensarmos em composições como Odeon, de Ernesto Nazareth, ou Sururu na cidade, já na década de 1920, de Zequinha de Abreu, fazendo referência à Revolução de 1924, em São Paulo, e posteriormente com Noel Rosa, Adoniran Barbosa e outros tantos compositores que passam a dedicar música e letra às

idades brasileiras, fazendo menção a seus bairros, suas ruas, suas praças, suas construções.

*Da nossa Praça da Sé de outrora
Quase que não tem mais nada
Nem o relógio que marcava as horas
Pros namorados
Encontrar com as namoradas
Nem o velho bonde
Dindindindindin
Nem o condutor
Dois pra light e um pra mim
(BARBOSA, 1978)*

Se lembrarmos de Marc Bloch (2001), tantas vezes citado por Argan (1998) em sua *História da Arte como História da Cidade*, considerando que a história trata do homem e da sociedade, então a história da cidade deve ser entendida como a história de um espaço construído e vivenciado pelos homens e pela sociedade, e retratado por esses mesmos homens e por essa sociedade ou por outros homens, pertencentes a sociedades distintas, por meio de sua arte e de sua produção literária.

Do ponto de vista da historiografia, estamos no campo da nova história (v. BURKE, 1992), ao considerarmos a importância da arte e da literatura para a construção da história da cidade.

Debates acerca do emprego de novas fontes – como documentos pessoais, memórias, correspondências e inventários – para a construção da História do Brasil tornaram-se comuns a partir de fins do século XIX (v. GOMES, 2001), e a recorrência a essas fontes se estabeleceu a partir da difusão dos trabalhos de Oliveira Lima e Alcântara Machado, e também de um sociólogo que publicou duas de suas obras mais relevantes em 1933 e 1936, fazendo vasto uso dessas fontes: Gilberto Freyre, que confere a essas obras (*Casa-grande & senzala* e *Sobrados e mucambos*) o subtítulo de “História da Sociedade Patriarcal no Brasil”, explicitando a importância desse material para a escrita de nossa história social.

Outros documentos auxiliam o estudioso da história íntima da família brasileira: inventários (...); cartas de sesmaria, testamentos, correspondências da Corte e ordens reais (...); pastorais e relatórios de bispos (...); atas de sessões de Ordens Terceiras, confrarias, santas casas (...); os Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo (...); os livros de assentos de batismo, óbitos e casamentos de livres e escravos (...); os estudos de genealogia (...); relatórios de juntas de higiene, documentos parlamentares, estudos e teses médicas (...).

Para o conhecimento da história social do Brasil não há talvez fonte de informação mais segura que os livros de viagem de estrangeiros – impondo-se, entretanto, muita discriminação entre os autores superficiais ou viciados por preconceitos (...) e os bons e honestos (...). (FREYRE, 2006: 46-7)

O que se pretende aqui, entretanto, é ressaltar a importância da arte e da literatura (documentos visuais e sonoros e documentos escritos de teor literário) para a construção da história da cidade brasileira – uma história por sinal recentíssima, uma vez que a fundação de nossas primeiras cidades e vilas data do século XVI, mas que já aparece registrada em pinturas, crônicas e poemas nos séculos XVII e XVIII, e a partir do século XIX nos romances e fotografias cuja difusão se tornou possível por meio do emprego de técnicas de impressão e de retenção de imagens sobre o papel, e também por meio da música – que deixa de ser predominantemente religiosa no oitocentos.

A história da cidade brasileira tem início quando o Renascimento já havia tratado de estabelecer as novas regras da perspectiva. Assim, a cidade brasileira é representada na superfície bidimensional em sua tridimensionalidade, na perspectiva de suas ruas e construções – o que faz dessas representações um material de apoio fundamental à leitura de mapas, plantas e documentos oficiais, ao possibilitar um conhecimento mais aprofundado da espacialidade de nossas cidades ainda nos primórdios de seu desenvolvimento urbano. A fotografia, no século XIX, iria conferir o tom de precisão às representações tridimensionais do espaço, ao “registrar com absoluta semelhança determinadas parcelas da realidade” (KOSSOY, 1980).

Existe uma História da Arte peculiar ao Brasil, não obstante e apesar de todas as influências externas, como existe uma História da Literatura Brasileira que deve considerar todas as particularidades de nosso contexto histórico, político, econômico, social e cultural. E existe uma História da Cidade Brasileira, cuja construção só tem a

ganhar quando inclui a Arte e a Literatura entre seus materiais de análise e leitura, e não apenas a produção artística e literária de brasileiros, como também a que resultou de viagens e visitas, da vivência e experiência de estrangeiros em território nacional. É preciso atentar para a importância dessa produção de homens e sociedades que perscrutaram nosso espaço urbano com o olhar de artista, escritor ou poeta ou mesmo com o olhar dos viajantes.

Referências Bibliográficas

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. [1984]

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Obra completa. vol.1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

BARBOSA, Adoniran. “Praça da Sé”. São Paulo, 1978. Em: <http://www.letras.com.br/adoniran-barbosa/praca-da-se>

BLOCH, Marc. *Apologia da história*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro”. Em: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

Diário do Rio de Janeiro. Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

FLEIUSS, Max. *História da cidade do Rio de Janeiro*. São Paulo: Melhoramentos, 1928.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 51.ed. São Paulo: Global, 2006. [1933]

GOMES, Angela de Castro. “Gilberto Freyre e Oliveira Lima: Casa Grande e Senzala e o contexto historiográfico do início do século XX”. *História*, São Paulo, 20: 29-44, 2001.

GONZAGA, Tomás Antônio. “Marília de Dirceu”. Em: <http://www.dominiopublico.gov.br>

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. São Paulo: Edusp, 1990.

KOSSOY, Boris. *A fotografia como fonte histórica*. São Paulo: Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo, SICCT, 1980.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Memórias da Rua do Ouvidor*. Rio de Janeiro, 1878. Em: <http://www.dominiopublico.gov.br>.